



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Quando a filha se torna mãe: transgeracionalidade, sofrimento e rupturas possíveis

Autoria: Rosamaria Giatti Carneiro (UNB - Universidade de Brasília)

Nas últimas décadas muitos foram os works produzidos ao redor das experiências femininas de parto (Carneiro, 2015; Pulhez, 2015; Mendonça, 2018). Exploramos noções de corpo, de sexualidade e de conjugalidade, entre outros tantos pontos. Mas praticamente nada fora tematizado sobre as relações de filiação, parentela e/em suas emoções, quando uma filha se torna mãe. Em que pese nada ter sido analisado explicitamente sobre o assunto, em praticamente todas as minhas investigações sobre parto e maternidades, esse sempre fora assunto pungente (Carneiro, 2017; Font, 2015). Nesse artigo, pretendo, por conta disso, refletir sobre as narrativas dessa relação depois de nascida a criança. Então, nessa triangulação entre avós, mães e bebês, refletirei sobre as semelhanças e diferenças entre suas trajetórias de gestação, parto e pós-parto, à luz da ideia de transgeracionalidade ou "mandato geracional" (Duarte, 2011), com o objetivo de refletir se e de que modos suas histórias se aproximam ou se distanciam? Em que medida novas emoções moldaram suas experiências e, sobretudo, esse desenho de relação afetiva entre mães e filhas? Sofrimento, cansaço e alegria são emoções que gravitam o universo materno de formas diferentes, a depender do momento em que a maternidade se estabeleceu. Mas podem também dizer da relação entre as mães e as filhas, quando essas se tornam mães. Diante disso, nos vemos diante de duas novas gramáticas emocionais: ambas disparadas pela maternidade. Uma entre mães e filhas e outra entre avó, mãe e netos. Na literatura encontramos investigações sobre experiências femininas ao longo das gerações (Lins de Barros, 2015 e Woortman, 1987), mas quase nada que envolva a vida sexual e reprodutiva). A noção de amor materno, já



por demais debatida por Badinter (1986), parece - nesse choque de gerações entre mães e filhas - receber ainda mais uma camada; por vezes interpretada na chave do sofrimento e do abandono da filha que se torna mãe, por parte de sua própria mãe. Ou então, multiplicam-se tentativas de não repetição da mesma história de aleitamento, parto e pós-parto de suas mães. Diante da diferença histórica e do caldo cultural em que se encontram inseridas as filhas que se tornam mães atualmente, descrever suas sensações físicas e como as emoções as informam parece-me muito interessante para complexificar a própria noção de maternidade. Para dar conta desse tema, partiremos das histórias das filhas que se tornaram mães, entre os anos de 2000 e 2020, e o que nos contam elas sobre como se sentiram, sobre o que passaram a ocupar e sobre os redesenhos de relação vividos com suas mães, e das mães que se tornaram avós, nascidas entre 1970 e 1980; de modo a contornar o amor, a solidão, a tristeza, a alegria e o abandono.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: